

Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón por videoconferência, de Milão, 15 de julho de 2020

Textos de referência: J. Carrón, O brilho dos olhos. O que nos arranca do nada?, capítulo 2, “Como preenchê-lo, este abismo da vida?” e L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, Deixar marcas na história do mundo. São Paulo: Cia Ilimitada, 2019, capítulos 1 “O acontecimento cristão como encontro” e 2 “A permanência do acontecimento na história” (pp. 15-123).

- *Luntane, cchiù luntane*

Glória

Carrón: Vamos continuar nosso percurso trabalhando, esta noite, sobre o segundo capítulo do livro *O brilho dos olhos*, que tem como título “Como preenchê-lo, este abismo da vida?”. Tendo presente tudo o que dissemos até agora, começamos a verificar as tentativas que cada um faz para responder ao problema apresentado pelo capítulo anterior: o que nos arranca do nada? Queiramos ou não, todos fazemos tentativas, conscientes ou não, para sair do nada, porque a exigência profunda do nosso humano não nos deixa em paz, e nos lança na busca de algo que possa responder à interrogação de Miguel Mañara: “Como preenchê-lo, este abismo da vida?” (O.V. Milosz, *Miguel Mañara: Mistério em seis quadros*. São Paulo: Gruber, 2018, p. 29).

Muitas vezes pensamos que a resposta consista em virar a página o mais rápido possível. Uma pessoa me escreveu: “Trabalhar sobre o desejo está abrindo meu coração e minha cabeça. Hoje fizemos uma assembleia sobre o segundo capítulo e fiquei impressionada ao ver que existe a tentação de ‘falar’ muito de Cristo, passando por cima do tema do desejo dando-o um pouco por óbvio. E, assim, não entendemos quem é Cristo”.

Mas para alguns pode parecer muito limitado falar do desejo, da pergunta.

Colocação: *Oi, Julián. Depois que participei da Escola de Comunidade de 17 de junho, nasceram em mim algumas perguntas e reflexões que gostaria de compartilhar com você. O aspecto sobre o qual você mais insistiu foi que, se o homem sente no coração fortemente a pergunta, isso implica que existe uma resposta. Acho que você entende a pergunta como a exigência constitutiva, que representa justamente o tecido do humano. Seu raciocínio, reforçado pela bela citação de Karen Blixen, logicamente é correto. A citação diz: “Deus não cria um desejo ou uma esperança sem que já exista uma realidade que os realize”. Pensei em mim, na minha experiência, e me perguntei até que ponto a questão da pergunta descreve todo o itinerário humano. Desde pequena, vivi no ambiente da Igreja e meus pais, embora não acreditassem, sempre me deixaram livre para aderir aos sacramentos, antes e depois da Crisma, até aos dezoito anos. Depois, entrei para a universidade. Naqueles anos, comecei a me conhecer realmente e entendi qual era o caminho, ou seja, a educação, para o meu desejo de ser amada. Não aconteceu por causa de uma reflexão interior sobre os meus desejos, bastante confusos, mas pelo impacto com amigos que viviam o carisma de CL e que levavam a sério o estudo, os relacionamentos com os colegas e com os professores, o tempo livre, a afetividade, toda a vida. Juntando-me a eles, entendi que desejava aquela plenitude de vida. Foi a resposta (uma resposta carnal: aqueles amigos) para minhas esperas, até as mais escondidas, e levantou o véu, presenteando-me a mim mesma. E essa dinâmica perdura, de modo incessante, até hoje, enchendo-me de gratidão também dentro dos dramas que a idade adulta não me poupou. A vida de Cristo, que me alcança através da companhia do Movimento, me usa, usa a minha inteligência, a minha criatividade, mesmo que apenas um fio da minha liberdade adira a Ele. Alguém me tomou e continua me ligando a Si, fascinando-me com a beleza e a gratuidade que somente Ele sabe gerar e que vejo florescer na minha vida e na dos meus amigos. Ter à minha volta uma companhia de “ressuscitados”, pessoas felizes e pacificadas também na dor e diante dos imprevistos da vida, para mim foi, e é, a única possibilidade para que*

a pergunta não me devore. Cristo disse aos seus para ficarem com Ele e para segui-Lo; e, estando com Ele, a confusão do coração encontrou o olhar e a relação nos quais se fixar. Sempre me lembro do versículo de Oséias: “Meu povo está preso na apostasia. Em direção ao alto eles o chamam, mas, juntos, não erguem”. Descubro a pergunta e ela fica clara diante de uma Presença que me faz erguer o olhar, o olhar que, inclinado apenas sobre mim, às vezes me leva a me retrair em mim mesma. Acredito que você quer nos acompanhar em um percurso passo a passo, sempre vimos isso, também nos Exercícios. Porém, queria lhe dizer que a última Escola de Comunidade me pareceu um pedaço muito limitado do caminho, sem a visão do horizonte aberto e sempre novo de toda a experiência cristã. Senti um pouco de falta de ar e me perguntei se – como método – fragmentar o caminho, sem mostrá-lo inteiro, pode realmente ajudar. Na experiência, me parece que acontece tudo junto, não há uma análise das partes. Acho que, desse modo, quem tem dificuldade corre o risco de ter mais dificuldade ainda. Quis lhe dizer tudo isso para ser ajudada a me identificar com o percurso que você nos propõem. Se entendi mal, por favor, me ajude a entender. De qualquer modo, espero que você tenha entendido as razões dessa minha iniciativa pessoal.

Carrón: Eu as compreendo perfeitamente. Por isso, estou feliz que você tenha tido a liberdade de pôr diante de todos a sua pergunta e a percepção que tem das coisas. É verdade que no último encontro não descrevi o itinerário humano completo – por outro lado, não era minha intenção fazê-lo –, porque queria enfatizar um aspecto decisivo do caminho a partir da constatação de que às vezes temos muita pressa em começar a falar de Cristo. Isso tem consequências, como veremos depois.

O ponto que me interessa enfatizar é que todas as vezes que olhamos para um aspecto da realidade, dentro daquele detalhe está tudo. Dou um exemplo. Se você vê uma pessoa que tem uma saudade louca, que nunca para de falar da falta que sente, se a vê agitada por causa de uma saudade incontrolável, como você interpreta esse dado? Aquela saudade é apenas um “fragmento” isolado, ou é algo tão único que, para explicar o que você vê, deve apelar para uma coisa que não vê? Como você explica aquela saudade? Ela já carrega o que a faz existir. E mesmo que não “diga” nada do objeto ao qual se dirige, essa saudade não é muito pouco, pois não existiria sem aquilo que a suscita com a sua falta. Por isso, se você encontra uma pessoa que sente uma saudade louca, não pode dizer que se trata de um aspecto separado do todo, porque ela não existiria separada do inteiro.

Colocação: Certo.

Carrón: Isso é fundamental, por isso no último encontro dissemos que nosso problema é que normalmente não conseguimos “ver o fundamento como se veem as coisas habituais” (L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*. São Paulo, Cia. Ilimitada, 2012, p. 134). Por quê? Porque separamos as coisas habituais de seu fundamento. Vamos ver, na continuação do percurso de *O brilho dos olhos*, uma tentativa de oferecer a proposta inteira.

A questão que você coloca deveria ter sido esclarecida por aquilo que já estudamos no primeiro capítulo de *Deixar marcas na história do mundo*. Quando Jesus se relaciona com um pedaço da realidade, por exemplo, a flor do campo, alguém poderia objetar: “Mas é só um pedaço!”. Mas aos Seus olhos aquele detalhe carrega tudo, porque, como diz Giussani, “a criação é um acontecimento; [...] a flor do campo que ‘o Pai veste melhor que ao rei Salomão’ é um acontecimento; o passarinho que cai – ‘o Pai celeste sabe’ – é um acontecimento; ‘os cabelos contados da cabeça’ são um acontecimento (*Deixar marcas na história do mundo*. op. cit., p. 27). A flor é um acontecimento, você é um acontecimento, o seu desejo é um acontecimento. Quantas pessoas se maravilham por não darem por óbvio esse desejo! “De que falta é esta falta / coração?”, se perguntou Mario Luzi (*Sotto specie umana*. Milão: Garzanti, 1999, p. 190). Queremos insistir nisso agora. Por quê? Porque, “se não compreendemos e não usamos o termo ‘acontecimento’, não compreendemos também o cristianismo, que assim se reduz imediatamente a palavra” (*Deixar marcas na história do mundo*. op. cit., p. 28). Justamente porque na experiência acontece tudo junto, cada um de nós pode verificar se o acontecimento cristão põe em movimento a própria razão, impelindo-a a não ficar na aparência. É verdade o que você diz, que o importante é o acontecimento cristão, mas você faz a

verificação do acontecimento cristão quando começa a olhar a realidade como Jesus, que não vê nada separado da sua origem. Se, ao contrário, você contrapõe o acontecimento cristão e o pedaço de realidade que vê, e se o acontecimento cristão não desperta a sua razão permitindo-lhe relacionar-se com tudo e com todos (sua família, o trabalho, a dor, o desejo), não poderá perceber o Seu acontecer em cada aspecto da realidade. Porque Cristo – dissemos tantas vezes – não veio para eliminar o senso religioso, mas para despertá-lo, para despertar a razão com toda a sua exigência de totalidade! Por isso, como você disse, quando alguém vive debruçado somente sobre si, fechado na própria medida, permanece na aparência. Ao contrário, Giussani, como lembrávamos no último encontro, percebe no eu toda a companhia que o constitui, todo o mistério do Pai que o está gerando. Dá para entender? É importante dar-se conta disso. Se é assim para todos os homens – porque toda a realidade remete a outro, porque a criação é o primeiro acontecimento –, quanto mais para nós, que encontramos Cristo, deveria ser normal perceber o desejo ou a pergunta como o sinal mais evidente da existência da resposta.

Mas voltemos à pressa de dizer “Cristo”, que muitas vezes nos assalta.

Colocação: *Há bastante tempo tenho vivido uma tristeza sombria, um estado de espírito dominante. E isso bem antes da Covid-19. O período de lockdown passou bem rápido e, para dizer sinteticamente, foi caracterizado pelo medo, não tanto da doença, mas das consequências econômicas. De fato, fiz todos os esforços para contribuir da melhor maneira com a empresa para a qual trabalho. Mas a volta ao escritório foi marcada por algumas decepções justamente por causa do trabalho no qual tinha me empenhado tanto. Uma manhã, telefonei para uma amiga e, depois de desabafar, começamos a falar sobre as férias. Eu disse: “Eu e minha família reservamos hotel em tal lugar; sabe, eu sou um tipo ‘adaptável’ às exigências da minha mulher, dos meus filhos...”. Ela me respondeu: “É aí que você erra – no ‘adaptável’ –. Por que não luta por aquilo de que precisa?”. Foi esclarecedor: eu não luto porque é incômodo, porque é preciso fazer um trabalho que pode ser cansativo. Depois, certa tarde vi o texto da Escola de Comunidade de 17 de junho com as anotações da minha esposa. Pensei: “O que pode ter de tão interessante? Não entendi nada no dia 17”. Então, peguei o texto e o li inteiro: foi uma descoberta! Minha vida fica triste por causa da grande pressa em fechar a questão, eu antecipo a conclusão de tudo por causa da grande pressa em dizer “Cristo”, passando por cima da vida. Desse modo a vida se torna entediante e insuportável, mesmo quando não há problemas sérios. E a consequência fundamental é que você não ama, porque sem levar a sério a própria necessidade você não cuida de si mesmo nem da realidade que está em sua volta. Depois, não posso reclamar se não me desenvolvo no trabalho, ou se meus filhos não seguem em frente, porque o primeiro que não caminha sou eu. O que tenho dificuldade de entender é que na minha necessidade está tudo, e ela é feita das coisas da vida, as grandes e as pequenas, todas com a mesma dignidade: comer, beber, dormir, o trabalho, as férias, as amizades. Foi a confirmação da minha dificuldade em reconhecer e levar a sério o desejo. Agradeço, porque há muito tempo você insiste sobre a necessidade de viver intensamente o real, mas só estou começando a intuir alguma coisa agora. Estou um pouco atrasado.*

Carrón: Nunca se está atrasado!

Colocação: *Não sei por quê, mas de repente tudo me parece simplificado e real, a sombra triste desapareceu, e sou cada vez mais grato porque o carisma existe e posso seguir.*

Carrón: “Minha vida se torna triste por causa da grande pressa em fechar a questão, [...] por causa da grande pressa em dizer “Cristo”, como um chapéu colocado na superfície da vida que, assim, se torna “entediante e insuportável”. Essa é a verificação que cada um de nós deve fazer. É por causa do que você disse, amigo, que Dom Giussani afirma: “O motivo pelo qual uma pessoa não crê [...], ou crê sem acreditar (reduz o crer a uma participação formal, ritualista, de gestos, ou a um moralismo) é porque não vive a própria humanidade [ou seja, porque falta o humano], não está empenhada com a própria humanidade” (*Vivendo nella carne*. Milão: Bur, 2019, p. 66). Por isso, se Cristo, que veio para despertar a nossa humanidade, não é experimentado como capaz de despertá-la de verdade (ou seja, de suscitar um empenho com a própria humanidade), uma fé formal,

ritualística, não conseguirá vencer o tédio. É o motivo pelo qual muitas pessoas, embora tendo fé, acham a vida insuportável.

Giussani insiste no fato de que o cristianismo precisa do humano: “Cristo se propõe como resposta àquilo que ‘eu’ sou e apenas uma tomada de consciência atenta, mas também terna e apaixonada, de mim mesmo pode fazer com que eu me escancare e me disponha a reconhecer, a admirar, agradecer, e vivenciar Cristo. Sem essa consciência, até mesmo o nome de Jesus Cristo não passa de um simples nome” (*Na origem da pretensão cristã*. op. cit., p. 11).

É um risco ao qual muitas vezes sucumbimos.

Colocação: *Boa noite a todos.*

Carrón: O que você descobriu de útil para você ao levar a sério tudo o que lhe aconteceu?

Colocação: *Não nos conhecemos e eu sigo com muito esforço o Movimento que, para mim, tem sido tanto berço quanto prisão. Mas, de qualquer forma, sou muito grata a essa experiência, porque me deu alguns rostos fundamentais que ainda hoje me acompanham. Não acho muito útil fazer Escola de Comunidade, ler e reler os textos, e acabar, sem perceber, impingindo palavras a experiências. Então, muitas vezes não leio os textos propostos. Mas desta vez, por sugestão de um amigo, li a Introdução e, agora, estou lendo o segundo capítulo do seu novo livro. O tema tratado me impressionou muito, absolutamente real e concreto na minha experiência. A chegada do Coronavírus foi num certo sentido “esperado” por mim, que vivo sempre à espera de que chegue alguma coisa que remova, que rompa o nada que constantemente está diante de mim. Alguns dias são carregados dessa experiência dilacerante, uma angústia imensa que começou a desgastar minha vida desde que entrei na vida adulta. Até os momentos mais agradáveis, em companhia ou sozinha, normalmente carregam uma infelicidade sutil, um sentimento constante de insatisfação. Nada dura, os relacionamentos não se sustentam, tudo afunda sem um significado. É o niilismo que você descreveu bem na Introdução, que está em mim sem que eu o tenha pedido, nem desejado. Com grande dificuldade, aprendi a olhar para ele, mesmo que sobre nas feridas difíceis de cicatrizar. A quarentena não mudou a minha vida. Pelo contrário, disse a mim mesma: vamos ver o que acontece nessa nova “aventura”. Uma aventura tremendamente dramática, que, todavia, foi boa para mim. Finalmente, era eu comigo mesma, sozinha diante de Deus. Sem ter mais que me adequar aos outros, e precisar fingir ser funcional quando não sou. Percebi que a vida não pode ser só uma ânsia de alcançar um objetivo que se distancia cada vez mais, no tempo que passa, inexorável e mesquinho: cada um tem seu próprio percurso, seu próprio caminho, seu próprio tempo. Comecei a quarentena com um projeto sobre ela, mas depois de menos de uma semana no meio das coisas para fazer, me machuquei e não pude fazer mais nada. Sentia-me um peso para todos. Percebi que esta podia ser uma ocasião para eu acabar com as mil expectativas. Há anos vivia um tipo de rancor em relação a Deus porque o meu projeto não caminhou como eu tinha imaginado, e eu teimava em não querer olhar para como, na verdade, Ele o tinha feito florescer de uma outra maneira. Nessa circunstância, meus filhos e meu marido foram o maior sinal do Seu amor para comigo: a presença deles me fazia estar na realidade, responder às suas necessidades e gozar da companhia deles. Depois intuí, nesse diálogo feito de pequenas coisas, que tenho uma dignidade mesmo com as minhas fragilidades; que Ele, na verdade, me chama justamente através delas. E a luz que às vezes experimento é fulgurante e me penetra com um amor que meu coração tem dificuldade de abrigar. A via Sacra da Sexta-feira Santa proposta pelo Papa foi um momento muito tocante, me senti de alguma maneira próxima à experiência daqueles que, pelo próprio mal, são excluídos da sociedade. O que eu mais desejo é um olhar que me acolha sem reservas, pleno de um amor incondicional. O que vejo em volta, também entre nós, é mais um mundo de aparências, onde a prisão mais insidiosa é a incomunicabilidade: uma impossibilidade de encontrar uma única alma no mundo com quem conseguir compartilhar as dificuldades mais profundas. Mantenho esse sofrimento perto, porque me faz ir mais a fundo de mim mesma e das coisas: rasgando o véu da aparência me permite experimentar que sou “Tu que me chamas, que me tomas, que me amas”. Então, a vida se desenrola na espera de que Ele se revele aos meus olhos. Não é um esforço de*

compreensão, não é um trabalho meticuloso de pesquisa, é um diálogo através de um grito. E a única coisa que posso fazer é “estar”. Posso dizer que o que me marcou mais deste tempo foi a consciência de mim mesma, a ternura de que você fala, e o diálogo às vezes silencioso, outras vezes alegre e outras ainda gritado, com um Outro que me chama, para quem está tudo bem eu ser como sou, mesmo com um eu fragmentado e incoerente, aparentemente sem significado.

Carrón: O Movimento pode ser berço ou prisão, pode ser um lugar onde a vida é abraçada ou uma prisão que sufoca o eu. A circunstância do Coronavírus, que parecia totalmente negativa, é a circunstância que Deus usou para lhe ajudar a tomar consciência de si, para que você não passasse por cima da sua humanidade, incluindo todas as suas dificuldades e fragilidades. Mais, você começou a perceber que justamente através da sua fragilidade um Outro a chamava, e começou um diálogo com Ele não apesar, mas através do seu grito. Se isso não acontece, no fim a fé permanece extrínseca à vida, não a alcança e, portanto, não podemos experimentar a sua conveniência humana. Ao contrário, quando não passamos por cima do humano, começamos a ter consciência de nós mesmos, a experimentar uma ternura para conosco que marca o início de um diálogo misterioso – desculpem o jogo de palavras – com o Mistério. No entanto, muitas vezes a nossa humanidade é percebida como um obstáculo. E então, como fazer para amá-la?

Colocação: *Você disse que a experiência, para ser tal, implica um juízo, e que o critério com base no qual o juízo pode ser formulado é a nossa humanidade. Minha pergunta é: como posso amar a minha humanidade se com frequência a vejo como um abismo, como um fardo que tenho que carregar? Tento vencer esse peso com todas as minhas forças, mas logo percebo que não consigo. Então tento reduzir a pretensão; corrijo o meu desejo dizendo-me: “Tudo bem, preciso ficar feliz. Tenho muitas coisas: um trabalho, uma família, filhos”. Mas logo percebo que estou trapaceando, que tudo isso não basta para preencher aquele abismo. Em suma, a realidade manda para os ares todas as estacas e o arame farpado que coloquei como proteção, então permaneço ali, diante do abismo. Como faço para amar de verdade minha humanidade, quando parece que toda a realidade cotidiana está pendurada por um fio? Há uma música de Guccini que, junto com Vediti cara, sempre me tocou. A música Incontro diz, num determinado ponto: “Cara amiga, o tempo toma, o tempo dá... Nós corremos sempre em uma direção, mas qual é ela e que sentido tem, quem sabe... [...] Somos algo que não permanece, frases vazias na cabeça e o coração cheio de símbolos...” (Incontro, do álbum Radici, 1972, © EMI). Então, como faço para amar, para ter ternura – como você disse – para com a minha humanidade, tão limitada a ponto de não ser capaz de proteger nem mesmo as coisas maiores e mais importantes, como minha esposa e meus filhos? Não sou capaz de defendê-los. Algumas vezes, é como se tivesse medo do limite da minha humanidade. Eu lhe agradeço por tudo.*

Carrón: Agradeço por você ter compartilhado conosco as suas preocupações mais profundas. Sou grato por haver um lugar onde cada um pode fazer isso livremente. Todos nós temos fé, mas é como se não superássemos o abismo e o fardo, e as fragilidades da vida fossem um peso. Consequentemente, se a nossa fé não incide sobre a nossa situação existencial, num determinado momento diremos: “Não me interessa”. Por isso Giussani enfatizava que “uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, [...] diz o contrário” (*Educar é um risco*. São Paulo: Cia Ilimitada, 2019, p. 14). Uma fé separada da vida não poderá durar muito. Por isso mantenhamos abertas as perguntas, sem pressa de fechar a questão com discursos.

Colocação: *Boa noite. Vou ler a contribuição que enviei: “Caríssimo padre Carrón, escrevo enquanto estou sentado na entrada do hospital onde minha mulher deve fazer uma tomografia. Amanhã meu filho mais novo terá uma consulta com um oculista. Nestes dias, li e reli o texto da Escola de Comunidade tentando encontrar razões para estar diante dessas circunstâncias. Quem me conhece sabe que sou um tipo muito apreensivo. Neste momento, acabei de ler o segundo*

capítulo de O brilho dos olhos e me senti descrito por suas palavras: nem o discurso, nem a ética são suficientes para estarmos diante das solicitações da realidade. Entendo que não é uma questão de raciocínios. Intuo que tudo está na ternura que brota na árvore do meu desejo indomável, em olhar o meu eu com ternura e, conseqüentemente, olhar para tudo desse modo. Intuo que esse é o olhar mais verdadeiro que posso ter para comigo e para com as circunstâncias. Digo que intuo porque não é automático reconhecer o verdadeiro e imediatamente aderir a ele. É aqui, então, que descubro que preciso de apoio para dar esse passo, apoio que se chama oração ou oferta: ‘Tu que me fazes, que fazes a realidade, minha mulher, meus filhos e todas as circunstâncias, dá-me a força de dizer sim a Ti’. Agora também entendo a sua insistência em rezarmos o Angelus todas as manhãs. Caro padre Carrón, enquanto lhe escrevo, minha ansiedade e minha preocupação não diminuem, mas é como se todo o meu eu fosse abraçado e compreendido por uma Presença amorosa, que me torna desejoso de experimentar o fruto do meu eu habitado por Cristo, aqui e nestas circunstâncias. Pensando sobre este momento, sobre mim e alguns amigos, desejo fazer uma consideração de extrema sinceridade, quase com vergonha. Às vezes, minha confiança em Deus não é total. Digo: ‘Faça-se em mim segundo a Tua palavra’, mas é como se, no fundo, dissesse: ‘Mas só se a Tua vontade coincidir também, em parte, com a minha’. É como se faltasse um último passo, melhor, um último salto. Entendo que confiar em Cristo 99,99% não basta, porque a consistência do meu eu não pode ser parcial”.

Carrón: Como é grande a exigência de totalidade que temos! Mas é uma totalidade da qual nos aproximamos instante a instante. Por quê? Porque precisamos que a ternura da Sua presença abrace, no tempo, toda a nossa humanidade. Como você disse, reconhecer o verdadeiro não é automático, é preciso fazer um percurso para que essa Presença se torne cada vez mais nossa, para que emerja do nosso modo de estar na realidade. Se começo a intuir e a fazer a experiência de que todo o meu eu é abraçado – em qualquer situação em que me encontre –, se encontro uma resposta para a situação da minha humanidade (por exemplo, para a falta de significado que às vezes posso experimentar), se percebo que tal resposta é capaz de conter tudo, então posso amar realmente a minha humanidade. Amo-a se a sinto abraçada profundamente, e confio 100%, totalmente. Mas esse percurso é dramático, porque exige que eu coloque em jogo a minha razão e a minha liberdade. E quando a pessoa sente toda a sua humanidade abraçada, o que percebe acontecer em si? Uma pessoa me escreve: “Nasce uma gratidão profunda, também pelas feridas e pela dor, pelo grito de decepção. Porque somente através deles posso experimentar a vida em sua inteireza”.

Colocação: *Percebi que a última Escola de Comunidade está muito ligada com o capítulo que estamos trabalhando esta noite. Um trecho diz: “Conquanto às vezes, por falta de lealdade ou de atenção ou de moralidade última, vamos atrás do que não é verdadeiro [três coisas que eu conheço bem] e nos deixemos levar, cedo ou tarde [cedo ou tarde esse momento chega!] a humanidade que há em nós nos faz perceber que seguimos uma grande ilusão” (O brilho dos olhos. op. cit., cap. 2, p. 4). Que alívio! Não preciso nem esperar que me aconteça alguma coisa, apenas prestar atenção à minha humanidade que me dá sinais, que me mostra que sou irreduzível. Na última Escola de Comunidade, você disse: “Essa irreduzibilidade, esse grito, é [...] a ‘demonstração’ de outra coisa”. Ou seja: É dentro de mim, é em mim que há a evidência de outra coisa. Refleti longamente sobre o percurso que você fez conosco naquela quarta-feira à noite e, embora logo tenha me tranquilizado ao ouvir você e os testemunhos, depois disso, algumas vezes fiquei estacionada, pensando que era o resultado de um raciocínio lógico. E fiquei perdida, confusa, não conseguia chegar lá por esse caminho. Por isso, reli muitas vezes os testemunhos dos amigos que falaram e as suas palavras. E comecei a ver quais implicações existenciais tinha na minha vida aquilo que você nos disse e que me parecia uma verdadeira revolução. E é! Conto um fato. Fui fazer uma ressonância magnética (porque fiquei doente nesta quarentena) e, no caminho, comecei a ficar angustiada, mas tentei afastar o medo, diminuí-lo com algumas estratégias. Mas quando me vi diante do “tubo” da ressonância, a angústia voltou com tanta força que pensei em parar tudo e dizer que não faria mais o exame porque estava em pânico. Enquanto estava nessa situação surgiu,*

do mais profundo de mim, um grito: “Senhor, fica comigo! Fica comigo!”. A coisa surpreendente foi ter reconhecido, um instante depois daquele grito: “Senhor, Tu estás comigo!”. Isso aconteceu em um segundo e não foi um pensamento cerebral – até porque naquelas condições seria impossível –, mas um reconhecimento. Em um segundo, passei do pânico à pacificação total. E, surpreendentemente, no quarto de hora em que passei dentro do tubo, fiquei relaxada. Num determinado momento, percebi que estava quase adormecendo, tamanha era a minha tranquilidade. E quanto mais me surpreendia por aquilo estar fora das minhas capacidades – uma vez que tinha acabado de viver uma coisa que me dizia o contrário –, mais eu dizia: “És Tu! És Tu em mim!”. Na última Escola de Comunidade você disse: “Há algo mais profundo, mais estrutural em nós que grita ‘Outro’”. Aquela ressonância foi a ocasião para eu perceber isso e para entender o que significa viver intensamente o real.

Carrón: Explique qual é a diferença entre dizer: “Senhor, fica comigo!”, e: “Senhor, Tu estás comigo!”.

Colocação: A primeira frase foi o grito que nasceu do pânico...

Carrón: Como se dissesse: “Bom, se por acaso tu existes, vem!”, como uma invocação para a qual, já de início, provavelmente não acreditava que houvesse resposta. Mas quando você disse: “Senhor, Tu estás comigo!”, isso foi um reconhecimento, o sinal de uma fé que carrega a religiosidade, ou seja, o relacionamento consciente com o Mistério. Um relacionamento que, pelo percurso que você fez, tornou-se tão seu que você logo passou do grito – “Fica comigo!” – para o reconhecimento: “Tu estás comigo!”. Então, a oração não é, como muitas vezes pensamos, uma alternativa à razão (“Como estou em pânico e não consigo raciocinar, então peço e grito”), mas, como diz Giussani no final do capítulo décimo de *O senso religioso*, “a consciência de si mesmo até o fundo” que “percebe, no fundo de si, um Outro [Senhor, Tu estás comigo!]. Isto é a oração: a consciência de si até o fundo que se depara com um Outro. Dessa forma, a oração é o único gesto humano no qual a estatura do homem é realizada inteiramente” (*O senso religioso*. São Paulo: Paco Editorial, 2017, p. 163). É a prova da diferença entre uma afirmação e a outra. Como sei se usei a razão até o reconhecimento de Outro no fundo de mim, como sei se realizei o único gesto humano no qual a estatura humana é realizada inteiramente? Você disse muito simplesmente: estava em paz, “relaxada”. É esse “toque do real” que documenta como a fé, quando é vivida segundo a sua natureza – não como alternativa à razão, mas como reconhecimento último por parte da razão –, é capaz de provocar uma revolução: “Em um segundo passei do pânico à pacificação total”. Sua experiência corresponde exatamente à conclusão do décimo capítulo: “A consciência verdadeira de si é bem representada pela criança nos braços do pai e da mãe. Ela pode entrar em qualquer situação da existência [por exemplo, o ‘tubo’ da ressonância magnética] com uma profunda tranquilidade, com uma possibilidade de letícia. Não há sistema terapêutico que tenha essa pretensão, a não ser mutilando o homem. Muito frequentemente, para tolher a censura de certas feridas [porque normalmente para nós são apenas um obstáculo], censura-se o homem na sua humanidade (Ibidem, p. 164). Uma fé que censura o humano seria uma fé sem senso religioso. Ao contrário, uma fé que tem dentro o despertar do humano, o despertar do uso da razão até o reconhecimento a partir de dentro de mim – ali onde há a evidência de Outro, dizia nossa amiga –, é completamente diferente: não é uma adesão piedosa e formal, mas um reconhecimento cheio de razões, uma verdadeira revolução para você que, no entanto, pertence a Cristo desde que nasceu. Mas podemos viver a fé sem o reconhecimento de que Ele está conosco. Porém, quando uma pessoa começa a experimentar isso, começa a entender do que estamos falando.

Colocação: Quero contar um fato que me aconteceu recentemente e que me surpreendeu muito. Algumas semanas atrás fui com minha mulher e meus filhos às montanhas. Tinha uma grande expectativa em relação a essas férias, mas assim que chegamos, algumas coisas banais logo mudaram meu humor: por exemplo, chovia, e o vilarejo não era como eu imaginava. Fiquei triste e um pouco apático, sem vontade de nada. Enquanto fazíamos um passeio pelo vilarejo, minha mulher entrou numa loja e eu fiquei na rua com o carrinho de bebê esperando por ela, enquanto

olhava, entediado, o celular. Naquele momento, tomei consciência, com estupor, de que aquele sentimento de tristeza era o sinal da necessidade infinita que me constitui. Diante de momentos como esse, no passado normalmente me fazia repreensões moralistas: “Eu deveria ler com mais frequência a Escola de Comunidade, deveria rezar mais, deveria fazer mais silêncio, etc.”. Mas, dessa vez, comecei a olhar minha insatisfação com ternura, e fiquei maravilhado com a incomensurabilidade do meu desejo e agradei por ele se manifestar continuamente. Essa maneira de me olhar é uma novidade absoluta para mim e é seguramente fruto do caminho que você vem nos propondo nos últimos meses. Quando minha mulher saiu da loja eu estava diferente; fomos tomar um aperitivo e eu lhe falei de mim, enquanto durante toda a viagem de ida tinha ficado em silêncio porque não tinha muito a dizer. Desejo que essa maneira de me olhar e essa ternura para comigo se tornem cada vez mais habituais. Obrigado pelo caminho que você nos indica.

Carrón: Está vendo? A ida e a volta foram totalmente diferentes. O que aconteceu? Você não teve uma visão, mas, ao invés de se repreender mais uma vez, simplesmente começou a olhar sua insatisfação com ternura, surpreendendo-se com a incomensurabilidade de seu desejo e agradecendo pelo fato de ele se manifestar continuamente. Por uma vez, você não se irritou com o desejo ou com a satisfação que sentia. E isso – você disse – foi uma novidade absoluta porque embora você pertença ao Movimento há muito tempo, só agora começa a entrever que é fruto do caminho que fez nestes anos. E o que começa a desejar? Que esse olhar se torne cada vez mais habitual.

Um amigo sul-americano, que me escreveu, também testemunha isso: “Na última Escola de Comunidade (depois de tê-la lido muitas vezes e tê-la confrontado com as minhas peripécias) pude descobrir a atormentada relação, durante grande parte da minha vida, entre as minhas exigências fundamentais (normalmente misturadas com desejos e paixões equivocados) e o Tu que me faz. Isso acontece se olho para dentro de mim mesmo. Mas, no fim, sua insistência sobre a pergunta que se esconde na nossa ferida e nas nossas pretensões, e que descartamos por vergonha, me fez ver que ali, na inexorabilidade do eu, se esconde o tesouro do grito que tem uma resposta. Quanto tempo foi necessário para que eu fizesse conscientemente experiência disso! O que posso dizer, de que poderia me lamentar, se é um dom para a minha humanidade e é algo dado? Que objeção poderia fazer? Em última instância, descobrir essa centelha que me satisfaz, porque me faz companhia sem que eu precise esperar nada de ninguém. Pobre de mim se não aceitar fielmente (não coerentemente, mas fielmente) essa grande graça de descobrir que Deus pode se aninhar na obscuridade e na profundidade do meu eu. Quantas vezes olhar para o fundo de mim mesmo fez com que me sentisse mal! Como podia nascer a ternura para com minha humanidade desse fundo escuro? Não se tratava de ser mais puro, nem melhor, mas de aceitar e mudar o meu modo de olhar para essa ferida, e a partir disso, não deixar de esperar a resposta, depositando sempre a esperança na centelha!”.

Também pode acontecer diante da respiração do pai gravemente doente, como escreve uma pessoa a um amigo: “Ver a dependência do Mistério em cada respiração dada por Ele a meu pai, abre minha razão para perceber que também para mim, agora, é assim. Isso me enche de maravilha e me deixa atenta e em posição de espera”. O amigo responde: “É uma graça vê-lo acontecer [Deus] em seu pai e em você”, ambos conscientes do respiro que é dado continuamente. É a concretização do que lemos na Escola de Comunidade: ver o fundamento, ou seja, Aquele que dá o respiro, como se veem as coisas habituais (o respiro, justamente). E ela responde ao amigo: “Sim, uma graça que exalta minha humanidade assim como é, com todas as perguntas, na evidência forte da Sua Presença”. Pode ser assim, até o último respiro.

Colocação: *No segundo ponto do capítulo dois, se lê: “E o que é essa nossa humanidade, que não se deixa enganar, com que não podemos brincar, à qual não podemos dar uma resposta qualquer, escolhida arbitrariamente? O engano e a distração abafam o mal-estar, mas não nos arrancam do nada. Embora ferida, tosca, bagunçada, nossa humanidade não se deixa confundir, não se deixa enganar pelo primeiro que passa, e esse é o sinal de que está menos bagunçada do que parece” (O brilho do olhar. op. cit., cap. 2 p. 4). Nos últimos dois meses estamos cuidando do meu pai, que tem uma doença terminal, em casa. Suas condições são muito graves, mas sua respiração (com altos e*

baixos) se mantém forte. Alguns dias atrás, o estava ajudando a se sentar na entrada de casa e, da porta aberta, era possível ver o brilho intenso do sol que invadia a manhã. Meu pai murmurou algo e eu pedi que ele repetisse. Articulado mais claramente: “Que dia lindo! O sol está brilhando hoje!”. Nos dias que se seguiram pensei muitas vezes nessa frase e guardei isto: primeiro, é notável alguém estar em condições tão dolorosas, e até humilhantes sob alguns aspectos, e isso não impedir seu coração de gritar quando se depara com a beleza. Segundo: a nós, a mim, parece que antes de poder dizer “Que bonito!” é preciso ter saúde fisicamente, sentir-se amado e desejado, ter condições de trabalho não estressantes, ou que antes se deva desintoxicar (por exemplo) do niilismo, da publicidade enganadora, da cultura iluminista, dos pensamentos maus, etc. No entanto, o coração reclama seus espaços quase “prescindindo” de nós. Não é preciso qualquer pré-condição para que nosso coração viva e nos leve a viver. Terceiro: o coração estar vivo não é a pré-condição para que, depois, aconteça outra coisa, mas já é a vitória sobre a preguiça de nossas vidas. Acrescento um post-scriptum. Alguns dias atrás minha mãe (que sofre muito pelas condições de meu pai, mas que as vive, também ela, mesmo com altos e baixos, com a mesma força de ânimo), ao pedido um pouco puritano e brincalhão de meu pai por uma colherinha de sorvete, com convicção e alegria disse a ele: “Claro! Hoje é festa, todo dia é festa, então devemos festejar!!!”. Eu pensei: se permitimos que nosso coração se expresse, “contagiamos” os outros e permitimos que vivam a realidade – mesmo não imediatamente correspondente – com abertura de coração. Obrigado.

Carrón: Obrigado a você. Nós também podemos chegar no fim da vida e estar na realidade do mesmo modo que seus pais, mas só se cada um de nós permanecer firme nesse caminho. De fato, há sempre um risco à espreita. Como me escreveu um amigo que não pôde se conectar esta noite: apesar de nunca ter se afastado daquilo que encontrou, sempre viveu a vida do Movimento como “árida, reduzida a meros formalismos, sem uma adesão verdadeira do coração. O coração se esvaziou e foi inevitavelmente preenchido por outra coisa. Assim, começaram as “escorregadas”, as infidelidades, a adesão à mentalidade de todos, embora restasse uma distante e dolorosa lembrança de um tempo em que a felicidade era verdadeira e a amizade era real e desinteressada”. Pouco a pouco abandonou todos os gestos: os Exercícios da Fraternidade, os encontros, a Escola de Comunidade. Mas, num determinado momento, ao encontrar alguns velhos amigos, viu que tudo começava a mudar novamente. Diz: “Um encontro despertou e reavivou o primeiro encontro”. Quando, por um motivo qualquer, uma pessoa se afasta do primeiro encontro, somente um acontecimento como o inicial pode recolocá-la nos trilhos. Um encontro despertou e reavivou o primeiro encontro, e então nosso amigo começou a viver novamente. Em *Algo que vem antes*, Dom Giussani escreve que “o deparar-se com uma presença humana diversa *vem antes* não só no início, mas em cada momento que se segue ao início: um ou vinte anos depois. O fenômeno inicial – o impacto com uma diversidade humana, o maravilhamento que nasce daí – é destinado a ser *o fenômeno inicial e original de cada instante do desenvolvimento*. Porque nenhum desenvolvimento acontece se o impacto inicial não se repete, se o acontecimento não permanece contemporâneo”. Então, continua, quando é criada uma “descontinuidade” com o início, como preencher essa descontinuidade quando o início se torna para a pessoa “uma devota lembrança”? “É preciso que reaconteça [...] o que aconteceu no início: não ‘como’ aconteceu, mas ‘o que’ aconteceu no início: o impacto com uma diversidade humana na qual o próprio acontecimento que os moveu na origem, se renova” (L. Giussani, “Qualcosa che viene prima”. In: Idem, *Dalla fede il metodo*. Milão: Coop. Edit. Nuovo Mondo, 1994, pp. 40, 42).

O que nos dissemos hoje é crucial para a fé. Sempre me impressionou uma frase que Dom Giussani disse em Chieti, em 1985: “Nós, cristãos, no contexto moderno, não nos afastamos das fórmulas cristãs, diretamente, dos ritos cristãos [podemos continuar participando embora formalmente], diretamente, das leis do Decálogo [...]. Afastamo-nos do fundamento humano, do senso religioso. Temos [portanto] uma fé que não é mais religiosidade. Temos uma fé que não responde mais ao sentimento religioso como deveria; [...] uma fé não consciente, uma fé que não se conhece mais [que justamente por isso muitas vezes é piedosa e não alcança os pormenores da vida, segundo a

expressão de Reinhold Niebuhr: “Nada é tão inacreditável como a resposta para um problema que não é colocado”. [...] Cristo é a resposta ao problema, à sede e à fome que o homem tem de verdade, de felicidade, de beleza e de amor, de justiça, de significado último” (L. Giussani, *La coscienza religiosa nell'uomo moderno*, in *Quaderni del Centro culturale “Jacques Maritain”* – Chieti 1986, *pro manuscripto*, p. 15). Então, ter o senso religioso desperto é a verificação da fé, como dissemos em outros momentos. Nós pensamos que defendemos Cristo “falando” d’Ele ou da companhia. Mas a maneira mais flagrante de defender Cristo é vê-lo resplandecer em uma humanidade viva: no brilho dos olhos de alguém. Essa será sempre a verificação da fé, o que convencerá a nós e aos outros.

Então, vamos continuar o nosso percurso trabalhando os próximos capítulos de *O brilho dos olhos*. Na situação em que nos encontramos, definida por um vazio de significado, pelo nada que avança, só algo histórico, carnal, capaz de tomar a nossa humanidade – muitas vezes tão ferida, tosca, tão reduzida – pode responder, restituindo-nos toda a realidade e toda a nossa pessoa e permitindo-nos olhar para todas as nossas feridas sem que nada seja excluído da participação da novidade de que falávamos antes.

Depois de ter identificado o problema que está diante de nós – “Como preenchê-lo, este abismo da vida?” –, começamos a ver qual é o caminho que precisamos fazer para que a verificação da fé se torne cada vez mais nossa e, portanto, qual é o lugar onde somos constantemente despertados, encorajados a caminhar, a não voltar atrás, até chegarmos a viver toda a realidade como Jesus a viveu. Jesus também viveu a realidade com todo o limite que ela carrega, não viveu na estratosfera, viveu sua vida humana como nós, em uma realidade idêntica à nossa. Mas, como Ele viveu o real sem acabar no niilismo? É o caminho que devemos fazer, porque Cristo veio justamente para nos arrancar do niilismo. E só se aprendermos a viver a realidade como Ele a olhou e a viveu poderemos verificar como a fé é conveniente para a vida.

Avisos:

O trabalho de Escola de Comunidade continuará durante o verão [europeu] sobre *O brilho dos olhos*, nesta sequência:

- até a metade de agosto, sobre o 3º e 4º capítulos.
- até o Dia de Início de Ano, sobre os capítulos 5 e 6.

O livro estará disponível em português a partir da primeira semana de agosto. Poderá ser baixado on-line gratuitamente no site www.cl.org.br. Os assinantes da *Revista Passos* também receberão o livro impresso junto com o exemplar de agosto.

Como o trabalho de Escola de Comunidade é, em primeiro lugar, pessoal, mesmo que não se possa fazer reuniões em grupo, podemos fazê-la lendo algumas páginas por dia, falando do que descobrimos com a esposa ou o marido, ou ligando para algum amigo. O verão não é uma pausa da vida, se não quisermos nos cansar também do verão, e a Escola de Comunidade é uma ajuda para vivê-lo.

Meeting de Rímini: *Sem maravilhamento, ficamos surdos ao sublime*. No site e no app do Meeting está disponível a programação da Edição Especial, que acontecerá de 18 a 23 de agosto, no Palacongressi de Rímini na modalidade prevalentemente on-line. Os limites objetivos impostos pela emergência sanitária não eliminam o coração e a natureza do Meeting que, com seu patrimônio e sua história, se propõe como lugar de diálogo e partilha das questões e das perguntas existenciais que, em particular este ano, emergiram de um modo novo. Todos, de casa ou do lugar onde estiver passando as férias, poderão conectar-se e isso tornará a participação menos óbvia e mais consciente. A partir de 31 de julho será possível inscrever-se para participar dos encontros através do site e do app, até o preenchimento das vagas. A participação ao vivo do Palacongressi de Rímini, segundo as prescrições vigentes, será permitida a um número muito limitado de pessoas.

Convidamos todos a promover o Meeting divulgando a programação e seguindo os encontros durante a semana. Talvez esta seja uma ocasião para aumentar o público do Meeting em todos os

lugares, porque não há impedimento em convidar os amigos com quem se passa férias, mesmo que no vilarejo mais afastado, nas montanhas ou no mar, podendo alcançar mais “visitantes” do que no passado. Seria uma bela ocasião para compartilhar com todos aquilo que nos aconteceu.

O Meeting informa que em algumas cidades serão montadas tendas ao ar livre ou pontos de conexão para que se possa acompanhar os encontros e espetáculos junto com outras pessoas.

Por fim, ainda é possível inscrever-se como voluntário “embaixador”, segundo as indicações que se encontram no site do Meeting (www.meetingrimini.org).

Lembro a todos que o Dia de Início de Ano acontecerá na tarde de sábado, 26 de setembro, por videoconferência, para todos. Se as normas permitirem, poderão acompanhar o encontro em pequenos grupos. No início de setembro comunicaremos o modo de conexão.

Bom verão a todos, caríssimos!

Veni Sancte Spiritus.

Obrigado. E bom descanso!